

C2+m/Entrevista

BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

DOIS CANTINHOS
E UM
VIOLÃOCaso típico de voz mais reconhecida nos
EUA do que em sua própria terra,
Luciana Souza ressurge com dois CDsLucia Guimarães
NOVA YORK

Não é fácil conversar com Luciana Souza e ao mesmo tempo ouvir seu novo CD *The Book of Chet*, uma visita ao repertório do grande trompetista e cantor Chet Baker. A voz impecável que transformou a clássica *Forgetful* num lamento hipnótico ("como uma cadeira de balanço," diz) não parece pertencer à mesma artista que fala com urgência e sem hesitação. A mesma artista que achou por bem lançar não um mas dois CDs no próximo dia 28 de agosto. O segundo, *Duos III*, encerra a celebrada série de violão e voz que deu à paulista radicada em Los Angeles duas de suas quatro indicações para o Grammy.

O lançamento duplo marca a volta de Luciana à gravadora Sunnyside, onde ela se projetou nos Estados Unidos com o *Brazilian Duos*, em 2002. Na última década, Luciana testou sua definição como jazzista, gravando repertório erudito com orquestras sinfônicas e comendo com o marido e premiado produtor musical Larry Klein, com quem colabora nos novos álbuns. Luciana perdeu o pai, o pioneiro da bossa Walter Santos, em 2008, e a mãe, a poeta e produtora musical Teresa Souza, em 2009. Os dois foram figuras seminais da música instrumental brasileira, à frente do selo Som da Gente, e Luciana reconhece que a sua MPB é a que recebeu

dos pais e levou na bagagem quando embarcou ainda adolescente para estudar em Boston. O *Duos III* traz de volta os incomparáveis Romero Lubambo e Marco Pereira e realiza um sonho de Luciana: gravar com Toninho Horta. "Nós nos conhecemos às 5 da tarde e às 9 da noite já tínhamos gravado *Pedra da Lua* e *Beijo Partido*," lembra a musicista, para quem o tempo pode acomodar a torrente de palavras que a repórter mal consegue anotar. Ou pode ser um espaço minimalista onde o som é tão irresistível "que a gente nem se mexe."

● **Por que você decidiu lançar os dois CDs ao mesmo tempo?**
Traço vários paralelos entre o *Duos III* e o *Book of Chet*. A ligação mais direta que eu vejo é a do João Gilberto com o Chet Baker. Meu pai lembrava que, em Juazeiro, na Bahia, tocava Chet no coreto. A emoção do Chet

“

PODEM ME CRITICAR, DIZER QUE GRAVO MÚSICA ANTIGA, MAS SEI QUE NÃO SOU UMA ELIS REGINA LANÇANDO COMPOSITORES”

existe mas é contida, é a emoção que a gente encontra na bossa nova, tem amor mas não tem dramalhão. É a melancolia e o lirismo, expressivos de uma emoção muito pessoal. Para mim, foi muito fácil gravar os dois CDs juntos. As canções são muito simples, são dois discos de cover. Quem ouve já tem suas referências e eu faço a minha leitura.

● **Em 2006, você deixou a independente Sunnyside, pela gravadora Universal, onde lançou *The New Bossa Nova* (2007) e *Tide*, este indicado para um Grammy em 2010. O que fez você voltar para a gravadora menor, do François Zalacain?**

Nós fomos jantar aqui em Los Angeles, no ano passado. O François foi como um pai para mim e a Sunnyside sempre me faz sentir em casa. Ele perguntou o que eu queria fazer e ele mesmo completou a minha frase: *Duos III*. Expliquei que queria gravar e lançar o CD do Chet Baker junto mas avisei que já tinha um repertório na cabeça, não queria gravar sucessos como *My Funny Valentine*. Logo mandei os dois orçamentos e pedi para ele ler com uma taça de vinho na mão. Ele suspirou e disse, vamos em frente. Com o François, é tudo muito claro, não há intermediários.

● **Como você decidiu o repertório do *Duos III* e incluiu até uma música que pode surpreender,**

“

A MINHA MPB É A DE QUEM SAIU DO BRASIL HÁ 27 ANOS. NÃO ESTOU NUMA MISSÃO, MAS PERTENÇO A ESTA TRADIÇÃO DE VOZ E VIOLÃO”

como *Mágoas de Caboclo*?

Mágoas do Caboclo para mim era importante, eu ouvia de Orlando Silva quando era pequena e, pouco antes de morrer, meu pai me deu de presente um box set do Orlando Silva. Eu tinha saudade do meu pai e ficava ouvindo. É uma seresta, um gênero que eu não costumo cantar, um pouco na linhagem de outras faixas como *Chora Coração*, do Jobim, e *As Rosas Não Falam*, do Cartola. O Larry chegou a perguntar "tem certeza que quer incluir?" É um fraseado que tem ritmo mas não tem groove. A minha MPB é a de quem saiu do Brasil há 27 anos. Não estou numa missão, mas pertencço a esta tradição de voz e violão que continua. Faço mais uma leitura informada por jazz em, por exemplo, *Doralice*. É o que faz um músico de jazz quando grava um

standard. Eu não tenho uma relação forte com o que está sendo lançado agora. A minha música brasileira é marcada pela memória do meus pais, eu fui embora ainda em formação. Meu conhecimento de samba é de quem ouviu o João Gilberto cantar samba. Podem me criticar, dizer que gravo música antiga, mas sei que não sou uma Elis Regina lançando compositores.

● **Mais uma vez, você escolheu a gravação ao vivo no estúdio para o *Duos III*. O diálogo voz e violão se presta especialmente a esta forma de gravar?**

Sim, há uma transparência absurda. Com o piano você sustenta o som, com o violão não tem isso. O desaparecer do som é mais rápido. Minha forma de cantar mudou muito, eu já consigo sustentar mais notas, como faço em *Dindi*. Cantar é ar, é coisa abstrata, quando acaba, acabou.

● **Você já se interessava pelo Chet Baker desde que morava em Boston?**

Sim, eu explorei muito o repertório do Chet no começo dos anos 90. Adorava os solos de scat dele, tinham poucas consoantes. O Chet evoca quase um conforto com a solidão e a melancolia. É interessante ocupar este espaço de tristeza, como parte da minha humanidade. Sentar neste canto e dizer,

está bem ficar aqui. A tristeza do Chet é muito mais expressiva para mim do que a dor gritada. Ele e o João Gilberto têm esta capacidade de levar você para um lugar da canção, um novo espaço, sem ornamento. É como se os dois aspirassem todo o ar e ficasse só o som deles e você não se desprende até a canção acabar.

● **Uma faixa que ilustra o que você diz é *Forgetful*. A impressão que dá é que você está testando a resistência das notas. O resultado é hipnótico.**

Sim, acho que estou testando também a paciência de quem ouve! Passamos 3 dias só gravando balada no estúdio, a gente ia reduzindo o metrônomo. O único overdub de bateria foi gravado ao vivo. O Larry dava instruções claras sobre os arranjos. O desafio é contar a história com menos recursos. E o Larry dizia "menos, menos ainda." Em *Forgetful*, o guitarrista Larry Koonse faz acompanhamento arpegiado, é um obstinado que parece uma cadeira de balanço. E me traz de volta à bossa nova.

estadão.com.br

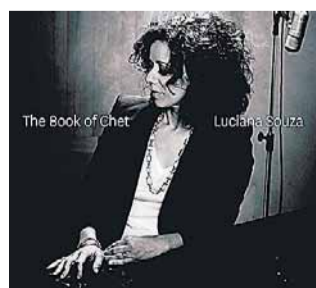
Ouçã. Trechos das faixas *Forgetful* e *Pedra da Lua*
estadao.com.br/e/luciana

‘GRAMMY ESTAVA FORA DO ALCANCE’

NOVA YORK

Numa noite de 2007, na plateia de um clube nova-iorquino, ganhei um abraço de François Zalacain, o fundador da gravadora Sunnyside. Zalacain é francês e não é dado a arroubos efusivos mas ele não conseguia se conter, depois de ouvir João Donato pela primeira vez, ao vivo. A euforia do produtor me ajudou a entender a motivação por trás de sua gravadora, que completa 30 anos com um catálogo excepcional de artistas, como Luciana Souza, o líder de orquestra Guillermo Klein e o saxofonista Chris Potter.

Zalacain acaba de abrir os braços para sua filha pródiga, Luciana



Chet Baker. Parte do DNA



Duos III. Sequência natural

Souza, a cantora paulista que mudou a história da Sunnyside com a primeira indicação para o Grammy, em 2002. "Até então", lembra ele, "nós nem prestávamos atenção no Grammy, era uma competição fora do nosso alcance."

Além da admiração, Zalacain

deposita uma confiança artística em Luciana que resulta em gravações como *Neruda*, de 2004. O álbum, um recital de piano e voz com os versos do poeta chileno em inglês sobre canções compostas por Luciana, dificilmente sairia de uma gravadora maior e

continua a ser um dos mais aclamados trabalhos da artista.

Sobrevivente numa indústria devastada pela pirataria e pelos efeitos da tecnologia digital, Zalacain contempla a paisagem da indústria com ceticismo gálico. Diz que voltamos ao século 19, quando os músicos encontravam seu público ao vivo. Com o fim das lojas de discos, as salas de concerto se tornaram pontos de venda de CDs.

Pergunto a Zalacain se ele teria coragem de fundar uma gravadora em 2012. "Sim, porque para mim não é um negócio," diz. "É uma insensatez começar uma gravadora para ganhar dinheiro." /L.G.



Chris Potter. Saxofonista é uma das apostas de Zalacain

DIVULGAÇÃO